



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação

**MARCADORES FÍSICOS E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA:
ESTUDO DE CASO DE 3 ESTUDANTES NEGRAS EM UM
ESTABELECIMENTO ESCOLAR DO ESTADO DE VAUD - SUÍÇA.**

Lucimary Hoffman Scala¹
Ariane Celestino Meireles²

Resumo : O presente estudo se propõe a refletir sobre a aparência física e a construção identitária de alunas negras de 12 a 15 anos, que frequentam a 7a, 8a e 9a séries em um estabelecimento escolar na aglomeração da cidade de Lausanne - Suíça. Neste sentido este trabalho visa a pensar sobre os processos de construção identitária dessas alunas, e o estatuto da aparência física « racializada » onde a cor da pele é colocada em evidência como uma marca identitária que pode influenciar as representações que os atores e atrizes escolares têm dessas alunas e as representações que essas alunas têm de si mesmas.

Palavras-chave: identidade, descendência, escola, estudantes negras, marcadores físicos.

¹Doutoranda em Ciências Sociais e Mestra em Ciências da Educação (HEPL e Universidade de Lausanne); pedagoga; professora; ativista nos movimentos sociais de igualdade racial e de gênero. Email : lhoffman@hotmail.fr

²Doutoranda em Ciências da Educação (Universidade do Porto); Mestra em Política Social (PPGPS-UFES); professora da rede municipal de ensino de Vitória; ativista do movimento de mulheres negras e da Santa Sapataria – coletivo de lésbicas e bissexuais do Espírito Santo. Email : arianemeireles@globo.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O presente artigo aborda questões relevantes à identidade e aos marcadores físicos racializados³ de estudantes negras na Suíça. Tem como base a dissertação de mestrado em ciências e práticas da educação cursado na Universidade de Lausanne e na Haute École Pedagogique de Lausanne. As estudantes desta pesquisa frequentam a educação fundamental em uma escola situada na região da aglomeração da cidade de Lausanne- Suíça. São originárias de diversos países do continente africano ou são afro-descendentes nascidas neste país. Elas têm como ponto em comum a reivindicação de suas identidades africanas e do respeito aos seus marcadores físicos racializados. São estudantes que discutem e que levantam questões que concerne ao racismo de cor e os diversos tipos de intolerância às diferenças. Em resumo, este artigo trata do discurso e da análise do discurso destas alunas no que diz respeito os seus marcadores físicos racializados e suas identidades em contexto escolar.

Questões relacionadas com a identidade d-a-s⁴ estudantes na escola sempre nos interpelaram. Aspectos relativos às experiências vividas pelo-a-s estudantes em relação à sua identidade étnico-racial na escola é objeto de vários debates no âmbito da educação. Estes debates nos fazem refletir sobre a importância da escola no processo de construção de uma imagem positiva da identidade de estudantes. Levando-se em conta o fato de que a escola é parte integrante da sociedade, este espaço é também um lugar onde se vive múltiplas experiências em que os atores e atrizes sociais enfrentam situações educativas e relacionais que podem influenciar o desenvolvimento de suas identidades. Nesta perspectiva, a escola é um lugar de diversidade humana e de práticas sociais diversas que

³ A noção do termo "racializado", refere-se aos processos psicológico, a construção social, a histórica e a política de categorias ou de grupos. Assim, a pele negra como marcador físico racializado é « [...] uma marca simbólica na medida em que substitui uma visão do mundo inteiro cultural e é um codificador semântico, por isso que para alguns, não só a cor tem um significado preciso, mas ela vai servir como conceito operacional para ordenar e classificar as qualidades do real (Le Bihan, 2006).

⁴ As autoras indicam a flexão de gênero nas palavras por meio de ponto, no lugar dos habituais parênteses.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

pode beneficiar ou não o-a-s estudantes no processo de respeito às suas identidades étnico-raciais. O espaço escolar pode e deve se opor ao silêncio que acoberta este e outros tipos de violências e deve valorizar as práticas cotidianas de ensino como elemento de grande importância na vida presente e futura de estudantes. Neste sentido, a escola deve implementar atividades educacionais que irão incentivar o-a-s estudantes independentemente da sua cultura, da sua religião, da sua classe social ou da sua cor de pele.

A escola e o-a-s estudantes, principalmente este.a.s que fazem parte de uma categoria socialmente discriminada, é confrontada hoje com problemas como desempenho escolar desfavorável, sentimentos de injustiça, falta de oportunidades, dificuldades de relacionamento, preconceito, discriminação e racismo. Felouzis (2003, p.1) destaca que «[...] os atores escolares, familiares, alunos e professores percebem o ambiente escolar como categorias, incluindo a composição étnica das classes e das instituições que são elementos determinantes».

No relatório que foi elaborado sobre o mandato da Comissão Federal contra o Racismo na Suíça (CFR)⁵ os autores mostram a situação geral da população negra na Suíça. Este relatório intitulado « *Os negros na Suíça : uma vida entre integração e discriminação* » relata as experiências diárias de pessoas de origem africana neste país. Este trabalho evidencia também aspectos como a integração e a discriminação desta população e tem como objetivo discutir esta realidade, ou seja, discutir as experiências e os sentimentos em torno do racismo de cor de homens e mulheres na sociedade Suíça. Fazem parte desse estudo depoimentos

⁵ A Comissão Federal contra o Racismo (FCR) é uma comissão extra-parlamentar estabelecida pelo Conselho Federal para implementar a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial (CERD). Em seu estatuto, aos 23 de agosto de 1995, o CFR afirma que « lida com a discriminação racial, trabalha para promover uma melhor compreensão entre pessoas de raça, cor, origem étnica ou nacional, religião diferente, combater todas as formas de discriminação racial directa ou indirecta e atribui especial importância a prevenção para que ela seja eficaz ».



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

recolhidos que mostram claramente que « [...] a cor da pele desempenha um papel importante em todas as áreas da vida cotidiana, uma realidade que os brancos que predominam esta sociedade têm muito pouca consciência » (FRÖHLICHER ; MENNEL, 2004, p. 3).

Este relatório é o ponto de partida deste estudo, que retrata aspectos relativos às experiências de racismo de cor e a identidade da população negra na Suíça. Assim, ele nos traz informações importantes para o estudo da escolarização e da vida escolar das meninas e meninos negros nas escolas suíças e contribui para uma reflexão mais aprofundada deste assunto. Entre outras questões, este relatório discute os marcadores físicos racializados visíveis, como a cor da pele negra, e a influência desses na identidade, na vida cotidiana e nos contatos sociais com as outras pessoas.

É a partir desta perspectiva que nos colocamos a seguinte questão para o desenvolvimento da pesquisa : estudantes negras vivem experiências em que seus marcadores físicos racializados (cor da pele, cabelo, nariz, boca) têm importância em suas interações com outros atores e atrizes no contexto escolar suíço?

Cada vez mais a questão da identidade de pessoas que fazem parte de um grupo minoritário torna-se indispensável para o estudo das relações no contexto escolar. A escola não é apenas vista como um espaço de aprendizagem de conteúdos, ela é também um espaço de aprendizagem sócio-histórica e de desenvolvimento de identidades.

O grupo estudado nesta pesquisa traz em seus corpos marcadores racializados que por sua vez tem uma ligação sócio-histórica com o colonialismo e a escravidão que o estigmatiza. Mesmo que os estudos feitos pela sociologia e pela antropologia mostrem que a raça, o sexo e outras categorias são socialmente



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

construídas, elas ainda são vistas como algo de fixo e "natural". Assim, a idéia de natural aparece como um todo, coerente e homogêneo que define os seres humanos. De acordo Guillaumin (1992, p. 49), «[...] o natural parece ser um dado mais do que adquirido ». A ordem do «natural » reconhece os critérios infalíveis da universalidade.

Nesta perspectiva é atribuída às pessoas negras esta noção de natural que indica uma certa imobilidade, uma totalidade estável cheia de propriedades essenciais. Esta idéia de totalidade estável é ligada a um pensamento de eternidade e de estagnação que reproduz uma imagem falsa das pessoas negras. Ora, não há uma natureza humana, são as relações sociais que determinam as produções sociais das pessoas. A idéia de natural exprime uma visão fixa e finalista sobre as pessoas, que são vistas como « coisas determinadas », fixas e prontas, sem possibilidades de mudanças ou de evolução. Portanto, este conceito de « natural » pode ser visto também como o racismo e os preconceitos que as pessoas e as estudantes negras passam na escola. Por isso, a discussão dos marcadores físicos racializados destas estudantes e suas interações em contexto escolar é importante para a propagação de uma pedagogia mais humana e igualitária.

Neste sentido a pedagogia volta-se para uma "nova emergência", que enfatiza a importância das experiências e das interações educacionais na trajetória de vida do-a-s estudantes. Hoje os estudos em sociologia da educação mostram que

cada vez mais a sociologia está preocupada em abrir a « caixa preta » para compreender os processos pelos quais e através de quais interações se produzem essas grandes tendências [...] ». Novos quadros teóricos são afirmados, bem como novos conceitos sobre hábitos (costumes), estratégia, relação com o conhecimento, experiência escolar [...], uma vez que os próprios atores estão no centro desta análise (DURU-BELLAT; VAN ZANTEN, 2007, p. 6).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Desta forma, o espaço escolar faz parte desta nova tendência que irá desempenhar um papel importante no processo de auto-estima e de desenvolvimento identitário do-a-s estudantes. A construção de uma auto-imagem, que poderá definir a trajetória dessas estudantes e que se torna um elemento significativo na vida dos atores e atrizes escolares. Assim, as interações sociais vivenciadas na escola serão o centro da produção de sentido em torno das identidades destas estudantes. Para Bonniol (1980, p.11)

No vasto campo das questões atuais sobre os processos de identidade, a ênfase foi colocada sobre a existência de diferentes « marcadores » de pertencimento. É na escola talvez, que se deve fazer essa observação mais aprofundada. Estes marcadores sociais de pertencimento são considerados características fenotípicas ou sinais sociais que fazem parte de uma certa representação da hereditariedade sobre as suas condições de surgimento e seus efeitos.

A escola suíça vive há algum tempo a chegada significativa da população negra vinda de diversos países africanos, da primeira ou da segunda geração onde esses marcadores estão presentes. Os traços fenotípicos que são centrais neste marcadores são atestados pela cor da pele negra. Neste sentido os traços fenotípicos, a cor da pele, a origem e outros, podem influenciar o desenvolvimento identitário dessas estudantes dentro e fora do espaço escolar. A categoria « Negro » segundo Poiret in Salah-Eddine (2006, p. 110).

não é uma simples referência a uma característica somática entre outras, e que não é também simétrica a categoria de « Branco ». Na França, uma pessoa é considerada negra quando ela « apresenta suas origens mesmo que sejam distantes ou parcial, localizada na África Sub-Sahariana [...] ». Esta categoria é uma criação histórica, construída gradualmente nos tempos modernos como uma ferramenta de legitimação da dominação e exploração de alguns povos através do tráfico de escravos, da escravatura, da colonização e da imigração.

Esta criação histórica que percorreu vários períodos da humanidade afetou e afeta a construção da identidade do povo negro. A primeira observação que Poiret



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

in Salah-Eddine (2006) destaca é o fato de que "não nascemos negros" mas sim nos tornamos, e nos tornamos negros por meio do olhar dos outros, especialmente pelo olhar da maioria, ou seja, o olhar do branco. Assim, as experiências vividas na escola e a aprendizagem do respeito e da alteridade do outro são fatores essenciais da construção da identidade da pessoa negra. A escola é um espaço importante para a coexistência e o desenvolvimento identitário das pessoas e para além do aspecto didático-pedagógico, ela é também um espaço de convivência entre alteridades.

Meninas negras na escola suíça : um relato de suas impressões

Para esta pesquisa foram contactadas diretamente 11 estudantes num grupo focal e, destas, apenas 3 aceitaram participar das entrevistas individuais. Um indicador importante deste contexto é que as demais estudantes não sentiram-se encorajadas a tratarem de questões relacionadas aos seus marcadores sociais e interação escolar. Mostraram suas dificuldades com o tema e ficou evidente que todas passam por constrangimentos raciais na escola. Expressaram tais constrangimentos durante a conversa no encontro do grupo focal tanto nas falas quanto nas escritas, ao responderem um questionário com questões sobre o tema.

Em todas as três análises com as estudantes que fizeram parte desta pesquisa, podemos identificar aspectos semelhantes e diferentes em seus discursos. Estes aspectos refletem como elas se posicionam em relação às suas identidades racializadas e de como elas vivem o dia-a-dia escolar. Para chegar a esta



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

constatação, cruzamos as entrevistas de forma a identificar palavras, frases e expressões que tivessem semelhanças em seus discursos. Em resumo, o objetivo foi de fazê-las falar sobre suas identidades desenvolvendo assim um discurso em torno da construção do sentido que passa pelos seus marcadores físicos racializados.

As estudantes evidenciam em seus discursos que suas relações dentro do contexto escolar por muitas vezes são conflituosas e que elas não são igualitárias. Chamam atenção também para a importância do trabalho escolar (didático-pedagógico) e sua influência positiva ou negativa em relação a todos os tipos de preconceitos e expressões de racismo. As diversas formas de preconceitos e de racismo podem ser reforçados pela falta de conhecimento das diferenças dos outros atores e atrizes escolares. Segundo essas estudantes, quanto mais entendemos e conhecemos as diferenças do-a-s outro-a-s será mais fácil conviver e respeitar essas diferenças.

Um dos aspectos mencionados nas entrevistas foi a questão da relação com a língua falada no país (o francês). Não falar « bem » a língua do país é colocado em destaque como um aspecto que pode contribuir para uma discriminação negativa dessas alunas. A atenção é voltada para os inconvenientes e benefícios de falar a língua mesmo se o seu sotaque é visto inicialmente como um problema. A questão do preconceito linguístico se junta com o preconceito e o racismo de cor. Falar o francês com sotaque Africano é evocar seu passado ligado à colonização e à escravidão.

Esses discursos destacam uma forma de hierarquia linguística em que falar o francês certo ou errado, bem ou mal, com sotaque de um país africano ou sotaque local, é um elemento importante para a integração e a « aceitação » destas estudantes na escola. Assim como o racismo uma forma de hierarquização entre as pessoas, a língua com os seus diversos sotaques é também uma forma



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

de categorizar e estigmatizar essas estudantes. Mesmo que elas falem o francês, os seus sotaques africanos são vistos como inferiores.

A língua com seu sotaque é um elemento importante da identidade de cada pessoa, podendo assim identificá-las como originárias de diversas regiões geográficas do mundo. Neste sentido, Chaudeau (2001, p. 346) evidencia que

A língua é um sistema de formas que transmite ao mesmo tempo um sentido registrado socialmente como uma espécie de máximo denominador comum para membros de uma comunidade linguística. Como tal, ele reflete uma certa identidade (nacional, regional) [...]. A língua desempenha o papel de espelho e emblema da identidade.

No contexto relacional, as meninas falaram sobre a adaptação à escola. Apesar de terem vivido experiências racistas e violentas na escola, elas relativizam e dizem gostar da escola. Os principais aspectos que são mencionados e que dificultam a convivência dessas estudantes na escola são as experiências/interações em relação aos colegas e as diferenças físicas e sócio-culturais entre eles. Essas estudantes listam ainda aspectos como : a cor da pele, o sotaque estrangeiro, as diferenças e os hábitos sócio-culturais e a religião. Quanto a cor da pele, elas dizem que é um dos maiores motivos de estigmatização que sofrem de seus colegas na escola. A cor da pele como marcador físico, segundo elas, influencia nas relações e nas opiniões que os colegas têm delas, incitando assim, diversas formas de violência contra as mesmas expressas em xingamentos, agressões físicas ou apelidos pejorativos. Assim, a violência psicológica, física e simbólica fazem parte do cotidiano destas estudantes. O relato de uma das entrevistadas informa : « *eu passei pou uma situação em que um menino me chamou de preta suja, e em seguida ele cuspiu em cima de mim* ». Esta estudante diz que seus traços físicos são por muitas vezes motivo de ridicularização e de inferiorização. Ela ainda informa : « *os colegas da escola me chamam de boca grande* ».



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Embora esta estudante tenha nascido na Suíça, ela reivindica suas origens e sua descendência Africana « [...] *para mim é um orgulho [...]. Para mim, eu sou congoleza [...] que é a minha origem, esta é a minha origem meus pais também [...] Eu nasci aqui, mas meus ancestrais não, eu nunca me senti suíça ou européia* ».

Em relação às chacotas que seus colegas de escola fazem de seu cabelo, ela disse « *eles riem, [...] me chamam de careca e de macaca* ».

A análise da interseção das três entrevistas nos permitiu perceber que o aspecto físico racializado destas meninas podem desempenhar um papel importante em suas vidas e é por muitas vezes negativado em suas interações na escola. As suas identidades são postas à prova em suas relações com os outros atores e atrizes escolares. Por isso essas estudantes adotam estratégias como silenciar ou negar as « dificuldades interacionais » na escola. Viver entre duas culturas, a Suíça e o seu país de origem (país africano) para elas é viverem com quase nenhuma referência de suas origens. Apesar desta grande dificuldade, elas utilizam todos os recursos possíveis (sobretudo psicológico) para ajudá-las a superar e a compreender os conflitos em torno de suas identidades racializadas.

Referências

BONNIOL, J.L. **La couleur comme maléfice**: une illustration créole de la généalogie des blancs et des noirs. Paris: Albin Michel, 1980.

CHARAUDEAU, P. Langue, discours et identité culturelle. **Ela: Études de linguistique appliquée**, 3 (123-124), 341-348. Ano 2001. Disponível em : <www.cairn.info/revue-ela-2001-3-page-341.htm>. Acesso em 13 nov. 2011.

DURU-BELLAT, M. ; VAN ZANTEN, A. **Sociologie de l'école**. Paris: A. Colin, 2007.

FELOUZIS, G. La ségrégation ethnique au collège et ses conséquences. **Revue**



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

française de sociologie. n° 4, 413-447, 2003. Disponível em:
www.cairn.info/revue-francaise-de-sociologie-2003-3-page-413.htm. Acesso em:
19 abr. 2011.

FRÖHLICHER-STINES, C. ; MENNEL, K. (2004). Les Noirs en Suisse – une vie entre intégration et discrimination. **Etude mandatée par la commission fédérale contre le racisme (CFR)**, 88. Ano 2004. Disponível em :
<http://www.edi.admin.ch/ekr/dokumentation> Acesso em: 04 jan 2010.

GUILLAUMIN C. Pratique du pouvoir et idée de nature in sexe, race et pratiques du pouvoir. **L'idée de nature**. Paris: Côté femmes, 49-82, 1992.

LE BIHAN, Y. **Construction sociale et stigmatisation de la femme noire**. Imaginaires coloniaux et sélection matrimoniale. Paris: L'Harmattan, 2006.

SALAH-EDDINE, M. **L'école et la diversité culturelle**: nouveaux enjeux, nouvelles dynamiques. Paris: La documentation française, 2006.